

O IMPACTO DO RACISMO NA PESSOA EM FORMAÇÃO: COMO AS CRIANÇAS REAGEM À ESSA VIOLÊNCIA.

Autor(res)

Humberto Bernal De Rezende
Monica Machado Dos Santos

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE BRASÍLIA

Introdução

O objeto de estudo desse projeto será analisar como o racismo (explícito ou estrutural) impacta a formação da autoestima de crianças de 7 a 12 anos e como isso se dá efetivamente em ambiente de convívio social, como escola e em casa: até que ponto ser exposto ao racismo nessa idade afeta esse indivíduo em formação?

O RACISMO NO BRASIL E SUA HERANÇA

O Brasil foi o último país a abolir o sistema de escravidão como forma principal de mão de obra. Após esse período, que foi marcado por violência física, psicológica e emocional, os impactos sociais causados por ele ainda são persistentes e observados em nosso cotidiano. Tal período gerou o que se pode chamar de um apagamento da identidade dos negros escravizados, desconsiderando sua cultura, religião e valores.

Objetivo

OBJETIVO GERAL:

Analisar como as várias faces do racismo afetam o desenvolvimento de crianças em idade escolar, entre os 7 e 12 anos, considerando a literatura disponível acerca de racismo estrutural e desenvolvimento infantil.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
Descrever como a autoestima de crianças negras é afetada pela falta de uma educação verdadeiramente inclusiva e antirracista, ao não considerar sua individualidade e negritude.

Identificar em que momento a criança negra se torna consciente de que está sujeita a sofrer atos de violência verbal ou física causado por suas características.

Material e Métodos

METODOLOGIA:



Dentre vários artigos, livros e documentos disponíveis para consulta acerca do tema racismo, racismo na infância e desenvolvimento infantil, serão utilizados os seguintes trabalhos:

Documento do NCpI Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância, que aborda como os atos de racismo afetam as crianças no aspecto físico, mental, psicológico e social.

Também será consultado o livro Torna-se Negro, de Neusa Santos Souza, que nos leva a entender o processo de autorreconhecimento e aceitação inerente a toda pessoa negra em sua formação diante de uma sociedade que insiste em ver o negro e seus traços como inferior.
Utilizaremos também reportagens publicadas em canais digitais como Agência Brasil, Portal G1, BBC News Brasil, Site Brasil de Fato e Agência Brasil, que evidenciam casos de racismo continuamente por todo Brasil, tendo frequentemente crianças como alvo.

Instituto Ethos, empresa sem fins lucrativos voltada a auxiliar e mobilizar empresas para causas sociais, também será objeto de estudo devido à sua constante missão de tentar tornar ambientes empresariais em locais mais diversos e acolhedores.

Será consultado também o Livro de Cida Bento, Pacto da Branquitude, obra importante que explica como pessoas brancas criaram, consciente e inconscientemente, um pacto narcísico – nem sempre – não verbalizado que acaba por priorizar sua própria raça em caso de contratações e relações pessoais, levando a se enxergar como algo superior, para além do que é diferente.
Sobre desenvolvimento infantil, as teorias de Jean Piaget acerca do período operatório concreto serão consideradas devido às suas observações sobre como crianças nessa idade absorvem fatos externos e como reagem a isso, com revisão de textos e documentos relacionados aos estágios de desenvolvimento, teoria construtivista e de aprendizagem a partir do século XX.

Resultados e Discussão

HIPÓTESE:

Considerando os estudos disponíveis sobre o assunto acerca de desenvolvimento infantil e racismo na infância, podemos partir de um pressuposto claro: atos de racismo sofridos durante a infância, além de violentos, causam traumas e afetam diretamente a saúde mental de crianças.
Logo, com esse estudo, espera-se acrescentar ao debate sobre racismo a importância de um olhar mais atento à fase de desenvolvimento da camada mais sensível da população negra: a criança em desenvolvimento durante um período crucial na formação de sua autoestima.
A tensão social causada pelo constante medo em relação à violência policial é clara quando é proposta a discussão sobre o assunto com pessoas negras independente da classe social, sexo ou idade. O simples ato de correr na rua ou ser considerado suspeito pela cor da pele é suficiente para gerar um cenário ideal para que a violência policial seja justificada. Como expressou cirurgicamente Douglas Belchior, fundador do Movimento Uneafro-Brasil e professor de história em seu artigo para a Carta Capital em 2024:



“Entre janeiro e agosto deste ano, as polícias Civil e Militar de São Paulo mataram 441 pessoas negras, de acordo com um levantamento feito pelo Instituto Sou da Paz. Entre 2023 e 2024 houve um aumento de 78% na letalidade policial contra corpos negros. Nossa pele é alvo.

Isso não é acaso, é racismo. Um racismo institucional, operado pelo próprio Estado. Bastou Gabriel, 26 anos, furtar dois produtos de limpeza e sair correndo para que a arma do PM Vinícius Lima Britto disparasse, automaticamente, 11 vezes contra ele. Pelas costas.”

O racismo estrutural continua a reproduzir profundas desigualdades na sociedade brasileira. As pessoas negras permanecem minoria em cargos de chefia e apresentam menores salários. De acordo com o Instituto Ethos (2024), apenas 5,9% dos cargos em Conselhos de Administração e 13,8% dos cargos de Diretoria são ocupados por pessoas negras.

Conclusão

Diante de tais considerações, é inegável concluir o impacto negativo na saúde mental e, consequentemente, na saúde física de crianças negras, de forma a atingir a vida adulta. Mas, antes disso, durante a formação da autoestima, tais atos podem comprometer seriamente o desenvolvimento se considerarmos os efeitos de tais violações em um indivíduo em crescimento.O racismo estrutural perpetua essas desigualdades até hoje, repercutindo nos aspectos sociais. As pessoas negras são minoria em cargos de chefia e com menores salários: segundo o Instituto Ethos, apenas 5,9% e 13,8% de pessoas negras ocupam cargos de Conselhos de Administração e Diretoria. Elas também são as mais atingidas pelo braço armado do estado em casos de violência: 90% dos mortos pela polícia em 2023 eram negros, conforme a reportagem da Agência Brasil em 2024, após estudo realizado pela Rede de Observatório da Segurança.

Referências

ALVES,G. Alunos negros se sentem menos acolhidos na escola, aponta pesquisa. São Paulo: METRÓPOLES, 2024.Disponível em: www.metropoles.com/brasil/alunos-negros-se-sentem-menos-acolhidos-na-escola-aponta-pesquisa. Acesso em 30 abr.2025.

ARAÚJO,V. Caso de racismo em escola pública no DF aponta para necessidade de ações antirracistas, observam especialistas. Brasília: Brasil de Fato ,2023. Disponível em https://www.brasildefato.com.br/2023/10/25/caso-de-racismo-em-escola-publica-no-df-aponta-para-necessidade-de-acoes-antirracistas-observam-especialistas/ .Acesso em 18 abr. 2025

BELCHIOR,D;NASCIMENTO,V;LOURENÇO,B. Calar sobre a violência policial é apoiar o genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Carta Capital,2024. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/opiniao/calar-sobre-a-



violencia-policial-e-apoiar-o- genocidio-do-negro-brasileiro/. Acesso em 30 abr.2025.

BENTO,Cida. O Pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.152 p.